

# Fórum tenta amarrar candidatos

**São Paulo** — A decisão de fazer um plano de reformas econômicas, a ser submetido ao novo presidente da República, a partir de março de 1990, nasceu de uma constatação simples mas reveladora feita pelos empresários paulistas: embora todos defendam projetos de recuperação econômica, não há a certeza de que qualquer um deles, se eleito, vá mesmo cumprir o que vem prometendo na campanha eleitoral. "Entre o dizer e o fazer há uma distância de um mar", lembrou ontem o presidente da Fiesp, Mário Amato, repetindo um ditado

italiano para explicar o nível de desconfiança dos empresários nos políticos.

Segundo Amato, é verdade que as propostas do plano preparado pelos empresários, que devem pedir ajuste fiscal, redução do déficit, privatização de estatais e liberalização da economia, para ingresso de novos capitais de risco, batem com as que vêm sendo pregadas pela maioria de presidenciáveis, inclusive os que estão em melhor situação nas prévias eleitorais, como Fernando Collor de Mello, do PRN, e Leonel Brizola, do PDT.

Mas como se trata de propostas de campanha eleitoral, é preciso prevenir antes que o fato seja consumado.

"Apoiaremos qualquer presidente que seja eleito, mas queremos mostrar o que pensamos para melhorar a economia do País, da qual somos parte ativa", disse Amato, explicando que na reunião do fórum não foram discutidos temas políticos nem nomes de candidatos. As discussões ficaram centradas nas experiências de combate à inflação por países vizinhos do Brasil, nem sempre bem sucedidos na tarefa.

O Chile, por exemplo, conseguiu sucesso mas à custa do desgaste do processo democrático; a Bolívia também se deu bem no combate à hiperinflação com a manutenção das instituições políticas, mas o custo social foi imenso. A Argentina vive um período de transição em que ainda é impossível se avaliar o resultado das reformas econômicas do governo Menem, enquanto o Peru, que tinha todas as condições para debelar a inflação, caminha fatalmente para a hiperinflação. "Estamos buscando um caminho nosso para afastar de vez o risco da hiperinflação e para que o próximo presidente possa receber o País numa situação melhor do que a que vivemos", disse Amato.